

O sítio neolítico da Valada do Mato, Évora:

problemas e perspectivas

MARIANA DINIZ

R E S U M O

É objectivo deste trabalho apresentar, de forma sintética, os principais resultados obtidos em quatro campanhas de escavação realizadas no sítio neolítico da Valada do Mato, Évora. Discutem-se ainda os principais problemas que as escavações foram colocando numa perspectiva estratigráfica, tafonómica e de interpretação das realidades arqueológicas identificadas. Enunciam-se, de forma breve, as principais linhas de investigação acerca da neolitização dos territórios peninsulares e o papel que neste debate podem desempenhar os dados recolhidos na Valada do Mato.

A B S T R A C T

This article presents and summarizes the principal results of four seasons of archaeological excavations carried out at the Neolithic site of Valada do Mato, Évora. Also discussed are the main stratigraphic, taphonomic, and interpretive questions that arose during the excavation process. Finally, this paper briefly outlines the main avenues of research on the neolithization of Iberia and the role that the data from Valada do Mato can contribute.

Como introdução

O texto que agora se apresenta relata e discute no essencial os resultados obtidos nas campanhas de escavações arqueológicas que decorreram no sítio neolítico da Valada do Mato, em Évora, desde o ano de 1995 até ao Verão de 2000. Esta é assim uma história em episódios, com múltiplos intervenientes, sem final previsto, e que por isso representa um trajecto na construção de um discurso arqueológico que se edifica a partir dos dados recolhidos no terreno e das opções conceptuais assumidas pela autora.

Das questões prévias, às quais por vezes nunca se responde, das novas perguntas que o sítio coloca e que os dados existentes não esclarecem, das interrogações prioritárias muitas vezes ultrapassadas por outros tópicos prementes, a elaboração de uma narrativa acerca de algum momento da Pré-história não é nunca um processo linear, mas sempre um exercício onde se procura dar sentido a distintas partes de um todo irreversivelmente truncado.

1. A história dos trabalhos

O sítio da Valada do Mato foi identificado, no início dos anos 90, por Manuel Calado que dirigia prospecções arqueológicas na área tendo em vista a localização de sítios pré-históricos nos arredores da cidade de Évora.

O sítio é pela primeira vez referido num texto deste arqueólogo e de P. Sarantoupoulos (1996), onde se contextualiza o recentemente identificado cromeleque de Vale Maria do Meio, reconhecendo-se então que este monumento se encontra num território densamente marcado por ocupações integráveis nalgum momento do Neolítico Antigo.

O sítio da Valada do Mato, observando a dispersão à superfície dos materiais arqueológicos, estende-se pelo topo e por uma plataforma de um interflúvio que apresenta as cotas máximas de 360-380 m. Este interflúvio é limitado pelas ribeiras de S. Matias e Valverde. A área total onde no presente podem ser observados materiais à superfície não atinge um hectare, no entanto a erosão a que este interflúvio tem estado sujeito pode ser responsável pela reduzida dimensão que agora podemos observar.

Os materiais arqueológicos provenientes das repetidas campanhas de prospecção, cerâmicas decoradas através de impressões, incisões, aplicações plásticas, uma indústria lítica maioritariamente realizada sobre sílex de clara feição lamelar, permitiam através de critérios tipológicos estabelecer paralelos entre este sítio do interior alentejano e outros identificados na Estremadura ou na Costa Sudoeste que se encontravam datados dos finais do VI e da primeira metade do V milénio cal BC.

O sítio da Valada do Mato possibilitava, assim, o alargar de forma inequívoca da carta de distribuição das ocupações da primeira etapa do Neolítico em Portugal, que à data se consideravam confinadas quase exclusivamente ao litoral ou a áreas de rápido acesso a partir da costa. Tornava-se, então, evidente que as primeiras populações produtoras de alimentos estabelecidas no interior/Sul de Portugal eram claramente anteriores à emergência do megalitismo funerário que mais tarde, a partir do Neolítico Médio, marca estes territórios.

O desconhecimento no interior alentejano de sítios que pudessem remontar a uma etapa tão antiga do Neolítico levou à criação de um projecto de investigação que centrado na Valada do Mato recolhesse informação e discutisse o processo, ou processos, de neolitização acontecidos no interior/Sul de Portugal, e que permitisse caracterizar cultural e cronologicamente estas comunidades.

Datava também dos inícios dos anos 90 a publicação dos dados provenientes de um outro sítio no interior alentejano, o sítio das Pipas, em Reguengos de Monsaraz, que Soares e Silva (1992), classificaram como pertencente ao Neolítico Antigo. No entanto, a diminuta área escavada e o reduzido espólio recolhido não permitiam definir a natureza desta ocupação e do grupo aí estabelecido.

Assim, a primeira campanha de escavações no sítio da Valada do Mato realizada em Setembro de 1995 pretendia recolher informação a partir de um sítio para o qual não existiam paralelos imediatos.

Optou-se, então, por abrir uma primeira sondagem na plataforma inferior do interflúvio que se apresentava mais protegida da acção humana recente. Nesta plataforma seleccionou-se junto à sua base uma área de 12 m², limitada por grandes blocos de granito que poderiam ter preservado, da erosão, estruturas e estratigrafias.

Os resultados obtidos, se levantavam um imenso conjunto de questões a que esta primeira sondagem não pode responder, permitiram avaliar o potencial do sítio, que forneceu nesta redu-

zida área escavada um conjunto artefactual significativo, composto por mais de três centenas de registos de material lítico e cerâmico pertencente ao Neolítico Antigo (Diniz e Calado, 1997).

Não foram, nesta primeira campanha, identificadas quaisquer estruturas relacionadas com espaços de *habitat*. A área intervencionada apresentava-se coberta por pequenos blocos de granito que ocupavam os espaços entre os afloramentos, e que assentavam num areão solto onde surgiam grandes fragmentos de recipientes decorados, associados a abundantes artefactos de pedra lascada, e mais raros utensílios em pedra polida.

Esta unidade foi designada como “empedrado”, ainda que desde o início se tenha reconhecido a pouca adequação desta designação perante a realidade identificada no terreno. O termo “empedrado” utiliza-se, frequentemente, em arqueologia pré-histórica para descrever áreas, de dimensões variáveis, mas bem definidas, cobertas por blocos de pedra, muitas vezes estaladas por acção do calor.

Ao contrário, neste sítio, os blocos de pedra não se apresentavam fragmentados e encontravam-se dispersos por toda a área de escavação, não tendo sido possível identificar a funcionalidade primitiva ou origem destes blocos, e a sua possível relação com qualquer tipo de estrutura, já arrasada.

A campanha 1/95 não forneceu qualquer tipo de matéria orgânica (carvões, sementes, ossos) pelo que os artefactos permaneciam como únicos indicadores indirectos quer de uma eventual cronologia da ocupação deste espaço, quer das estratégias de exploração de recursos desenvolvida por este grupo.

No entanto, o estado de conservação e a densidade do material cerâmico recuperado, a diversidade de artefactos líticos e a presença de restos de talhe de muito reduzidas dimensões eram indicadores claros de uma intensa ocupação deste espaço por grupos neolíticos, e de um grau de preservação das realidades aí contidas que justificava a continuação dos trabalhos em anos futuros.

A 2^a campanha de escavações, realizada em Julho de 1998, tinha por objectivos esclarecer a origem e a eventual funcionalidade do “empedrado” anteriormente detectado, alargar o campo dos elementos da cultura material deste grupo, recolher amostras de matéria orgânica que permitissem a obtenção de datações absolutas para a ocupação neolítica da Valada do Mato, e a caracterização do sub-sistema económico destas populações.

Opta-se, então, por prolongar para NW o primeiro sector intervencionado, escavando-se nessa segunda campanha uma área de cerca de 20 m². A escavação forneceu, mais uma vez, abundante e bem conservado material arqueológico, tipologicamente integrável nalguma fase do Neolítico antigo, mas continuavam ausentes os restos de matéria orgânica. Da mesma forma, não se reconheceram na área escavada estruturas de empedrados, de combustão, ou “fornos”, como os identificadas, por exemplo, em Vale Pincel I ou na Salema (Silva e Soares, 1981), sítios de ar livre na Costa Sudoeste cujos materiais apresentam evidentes afinidades com os recuperados neste sítio do interior alentejano.

A campanha 2(98) na Valada do Mato pôs, no entanto, a descoberto uma estrutura pétrea de forma sensivelmente ovalada, constituída por blocos de granito de dimensões médias. Esta estrutura apresentava no eixo maior um comprimento pouco superior a dois metros e no eixo menor aproximadamente 1,5 m. Ao contrário das unidades até então identificadas que possuíam uma origem natural, como depósitos de sedimentos e material arqueológico mais ou menos transportado, esta estrutura pétrea é interpretada, desde logo, como resultado de uma acção humana acontecida aquando da ocupação neolítica do sítio, ainda que possa ter sofrido posteriores perturbações.

A funcionalidade desta estrutura bem como a sua área total não foram identificadas em Julho de 98 agendando-se para a campanha de 1999 o prolongamento da área intervencionada e a escavação integral desta estrutura pétrea.

No Verão de 99, prolonga-se mais uma vez para NW a área de escavação. Acrescentou-se, aos cortes anteriormente efectuados, uma outra área de 20 m² onde se esperava definir a totalidade da estrutura pétrea, mantendo-se ainda como objectivos desta campanha a recolha de amostras de matéria orgânica, elementos necessários para uma caracterização directa do sub-sistema económico, e que permitem outra abordagem ao sítio, mais exacta que a obtida pela exclusiva leitura da componente artefactual.

A campanha 3(99) veio, no entanto, a evidenciar uma realidade complexa que não permitiu atingir na totalidade os objectivos inicialmente estabelecidos.

Este sector da Valada do Mato apresentava, e ao contrário do que poderia ser inicialmente esperado uma vez que “subíamos” a vertente desta plataforma, uma espessura de sedimento muito superior à detectada nas campanhas anteriores. Assim, foi necessário escavar um primeiro nível, cuja espessura atingia nalguns pontos os 50 cm, com abundante material arqueológico remobilizado, até se atingir uma realidade de alguma forma semelhante à detectada em 95 e 98, a dispersão por toda a área em escavação de blocos de granito de pequenas e médias dimensões associados a fragmentos cerâmicos de grandes dimensões, por vezes quebrados ainda em conexão.

Entre estes blocos encontravam-se raros seixos de quartzito, alguns dos quais fragmentados por acção do calor, mas que, no momento da escavação não integravam qualquer estrutura de combustão identificável.

A origem destes blocos de granito, alguns dos quais apresentavam sinais evidentes de terem sido utilizados como polidores, não foi esclarecida.

A densidade de material arqueológico e a repetida necessidade de registar através de desenho as dispersões pouco ordenadas de blocos de pedra tornaram necessariamente lento o processo de escavação pelo que parecendo verificar-se o prolongamento da estrutura pétrea, anteriormente descrita, para este sector da escavação ela não pôde ser definida na sua totalidade, nem identificada a sua funcionalidade.

Ao contrário das campanhas anteriores foi possível durante esta intervenção recolher matéria orgânica, que consistia em raros e pequenos nódulos de carvão e abundantes esquirolas de osso carbonizado. No entanto, a dispersão pela área escavada destes nódulos de carvão, e portanto a ausência de um contexto seguro de origem, retirava-lhes o valor enquanto amostra para datação radiométrica. A reduzida dimensão das esquirolas de osso identificadas não permitiu a identificação das espécies presentes no sítio, e do seu estatuto, doméstico ou selvagem, mas apenas o reconhecimento do consumo no local de fauna de grande, médio e pequeno porte.

Transportaram-se, assim, para a campanha 4(2000) alguns dos objectivos não atingidos em 99: a escavação integral e a identificação da funcionalidade da estrutura pétrea posta parcialmente a descoberto em 1998; a recuperação de matéria orgânica em contextos fechado; a ampliação da amostra de restos faunísticos tendo em vista a identificação das espécies consumidas.

Os materiais arqueológicos provenientes destas três campanhas de escavação formam um conjunto onde apenas são escassos os materiais em pedra polida, ultrapassando os fragmentos cerâmicos decorados as 600 unidades, aos quais se acrescentam alguns milhares de bojos lisos, e cerca de três mil artefactos em pedra lascada, estando incluídos nestes número largas centenas de restos de talhe.

A existência entre o espólio recolhido de duas colheres fragmentadas em cerâmica recua estes artefactos, frequentes em contextos calcolíticos, para os momentos iniciais da neolitização

do nosso território provavelmente associados a uma transformação dos hábitos alimentares, que incluem agora produtos preparados a partir de cereais.

A recolha de um fragmento de bracelete de xisto e de uma conta de colar de pedra permitem aumentar a escassa amostra existente de objectos de adorno atribuídos ao Neolítico Antigo do actual território português.

Numa realidade ainda mal conhecida como são os de contextos de ar livre atribuíveis ao Neolítico Antigo no actual território português alguns dos artefactos e utensílios recuperados na Valada do Mato apresentam-se, assim, quase como exemplares únicos.

A campanha 4(2000) terminou em finais de Setembro pelo que a informação nela recolhida se encontra em fase inicial de tratamento não podendo, por isso, ser aqui apresentada, no entanto foram finalmente alcançados alguns, já antigos, objectivos deste projecto.

Concluiu-se nesta campanha a escavação da estrutura pétrea identificada em 1998, e, pela primeira vez, foi possível recuperar carvão em contexto fechado. O carvão foi recolhido no interior desta estrutura pétrea, depois de levantada a primeira camada de blocos de granito que a colmatava.

A amostra de restos faunísticos foi, para além de ampliada, enriquecida com fragmentos de dentes que possibilitarão a identificação das espécies presentes e da actividade, de caça e/ou pastorícia, pela qual foram obtidas.

A estrutura pétrea apresentava no seu interior sinais claros de combustão, atestados pela presença de terras negras, de blocos de granito escurecidos e de frequentes carvões. No entanto, esta estrutura não se assemelha às estruturas de combustão-lareiras identificadas em outros sítios de *habitat* do Neolítico antigo, estruturas que tendem a ser compostas sobretudo por seixos de quartzito de muito menores dimensões que os blocos de granito empregues na realização da estrutura da Valada do Mato, e que preenchem pequenas depressões por vezes escavadas na rocha de base.

O material arqueológico recolhido nesta campanha encontra-se, neste momento, em tratamento e estudo no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). As amostras de sedimento recolhido, de carvão e de fauna serão enviadas para distintos laboratórios procurando identificar a origem do sedimento carbonizado, as espécies vegetais presentes utilizadas como combustível, e a fauna consumida neste sítio. A partir do carvão recolhido espera-se, ainda, obter datações absolutas para este contexto neolítico.

2. Problemas

A partir da primeira campanha de escavações realizada no sítio da Valada do Mato foi possível estabelecer uma listagem de problemas em aberto que só o prolongar dos trabalhos permitiria esclarecer. Estas questões podiam ser agrupadas em três principais conjuntos, o dos problemas estratigráficos, dos problemas tafonómicos e das questões relativas à(s) funcionalidade(s) do sítio.

As questões de ordem estratigráfica e tafonómica estão directamente relacionadas uma vez que é fundamental compreender os fenómenos naturais e culturais que terão perturbado o sítio e a sequência estratigráfica original, dado que estes são em grande medida os responsáveis pela criação das realidades que, no presente, podemos encontrar.

A identificação das funcionalidades e das actividades realizadas no sítio constituem outro eixo da questão. Dominando o quadro original, identificando as áreas utilizadas para a realiza-

ção de tarefas específicas e as estruturas construídas, tornar-se-ia mais claro definir a perturbada imagem que hoje podemos recuperar.

Numa perspectiva estratigráfica o sítio apresentava uma realidade pouco esclarecedora. A um primeiro nível composto por um sedimento arenoso totalmente solto que continha abundante material lítico e fragmentos cerâmicos de muito pequenas dimensões e com superfícies muito erodidas, seguia-se uma outra unidade que se podia definir quando a área escavada se apresentava coberta por blocos de granito de dimensões variáveis, que não formavam nenhuma estrutura coerente, associados a fragmentos cerâmicos de grandes dimensões e em excelente estado de conservação, e a uma indústria lítica menos abundante que a detectada no nível superior.

Estas duas realidades materializavam duas situações distintas, no entanto porque estavam envolvidas por um sedimento idêntico não foi possível uma individualização estratigráfica absoluta entre estes dois momentos.

A origem de ambas reside certamente num conjunto mais ou menos complexo de fenómenos naturais que perturbam e por fim cobrem o sítio depois do seu abandono.

A relação da estrutura pétrea identificada na campanha 2(98), considerada desde o início como resultado de acção humana, com os blocos de granito que de forma desordenada cobriam a área escavada só foi esclarecida na campanha 4(2000), quando se tornou evidente que este círculo de blocos de granito de médias dimensões cobria e encerrava uma realidade formada aquando da ocupação neolítica, claramente anterior aos níveis de abandono materializados na dispersão caótica de pedra e material arqueológico.

Numa perspectiva tafonómica as questões que o sítio coloca não são de resposta imediata. Os agentes naturais e culturais que terão operado a partir do abandono desta ocupação neolítica parecem ter produzido um conjunto de efeitos pouco coerente.

Ao nível das antigas estruturas em pedra que devem ter existido, e que são a única justificação para o elevado número de blocos de granito que encontramos, as consequências destes agentes foram desiguais, perturbando em definitivo todas as realidades que pudessem existir nos 56 m² de área escavada à excepção da estrutura pétrea circular que foi escavada a partir de 98.

Não foi possível, até ao momento, identificar esse ou esses agentes de perturbação. A pluviosidade, que assume muitas vezes no interior alentejano um regime torrencial e que numa topografia de vertente como a escavada podia ser responsável pela destruição de estruturas pétreas relativamente frágeis e construídas sem elementos aglutinantes, tenderia a “lavar” o sítio, arrastando o material arqueológico de menores dimensões.

Na Valada do Mato regista-se um cenário inverso, se a disposição dos grandes fragmentos cerâmicos podia ser coerente com um episódio único de transporte mais ou menos violento, e rápida sedimentação posterior, a presença de largas centenas de pequenas esquirolas de talhe invoca, sobretudo, contextos bem preservados.

Os problemas que se colocam à interpretação de contextos como os aqui identificados reside também na dificuldade em distinguir informação e ruído durante o processo de escavação. Que blocos de pedra poderiam estar na sua posição original, definindo que tipos de estruturas, com que funcionalidades, que blocos de perda sofreram um arraste maior ou menor?

Perante resíduos de uma ocupação muito intensa, mas da qual desconhecemos as modalidades concretas de organização do espaço de *habitat*, a ausência de paralelos directos provenientes de outros contextos do Neolítico antigo no interior alentejano, que pudessem fornecer pistas sobre as possíveis realidades a identificar no terreno, tornam a escavação num acto de leitura de um texto cujo significado inicial parece já confundido pela perturbação dos caracteres que o compunham.

Com excepção da estrutura pétrea circular e do espaço de combustão preservado no seu interior não foi possível identificar qualquer outra área funcionalmente especializada até ao momento.

Os materiais recolhidos demonstram a realização no local do talhe e polimento da pedra, a quantidade e diversidade de fragmentos de recipientes cerâmicos só pode estar relacionada com um conjunto de actividades domésticas que inclui a preparação, o consumo e a armazenagem de produtos alimentares. Os carvões e os restos faunísticos carbonizados entre os quais se contam alguns dentes, alguns seixos de quartzito, fragmentados por acção do calor, atestam a existência de lareiras, onde se preparam os animais a consumir, alguns dos quais provavelmente esquartejados no local.

Mas, a distribuição dos restos artefactuais e de matéria orgânica pela área escavada não revelou qualquer concentração significativa que permitisse associar áreas específicas a actividades concretas.

A diversidade de categorias tipológicas de material lítico e cerâmico que integram o espólio recuperado parece característica de um sítio de base, onde portanto se realiza um diversificado conjunto de actividades, com um regime de ocupação relativamente estável o que justificaria o investimento do grupo na construção de estruturas pétreas.

A ausência até ao momento de estruturas tradicionalmente identificadas em contextos habitacionais como sejam buracos de poste, “fundos de cabana”, lareiras, silos pode em parte justificar-se pela dimensão da área escavada face à dispersão original, hoje difícil de calcular, da área de *habitat*.

A não existência, até ao momento, de datações absolutas torna o conjunto artefactual recolhido o único elemento a partir do qual é possível ensaiar, utilizando critérios tipológicos, uma aproximação à cronologia desta ocupação. No entanto, a recolha de carvões em contextos seguros na campanha 4/2000 pode permitir datar a última utilização da estrutura pétrea circular antes do seu encerramento.

A existência destes parâmetros cronométricos é decisiva para a construção de modelos explicativos de uma realidade — a neolitização do interior alentejano — que na actualidade não dispõe de qualquer datação absoluta.

A utilização das datas provenientes de contextos neolíticos escavados na Estremadura portuguesa e na Costa Sudoeste (Zilhão, 1992; Cardoso et al., 1996; Zilhão e Carvalho, 1996; Carvalho, 1998; Simões, 1996), que apresentam conjuntos artefactuais semelhantes ao recuperado na Valada do Mato, permite, com pouca precisão, estimar uma data para a ocupação deste sítio a partir dos finais do VI ou ao longo da primeira metade do V milénio a.C.

3. Perspectivas

O debate acerca do papel desempenhado por uma ocupação como a registada na Valada do Mato no âmbito dos processos de neolitização registados na primeira metade do Holocénico pode ser realizado a escalas espaciais e conceptuais muito distintas que não se excluem necessariamente. Ao contrário, podem ser construídos discursos complementares, desde um macro nível de debate que analisa a substituição, na bacia do Mediterrâneo e na Europa Atlântica, dos sistemas culturais apoiados na caça e recollecção por organizações sociais baseadas na produção de alimentos e para o qual se podem construir e discutir grandes modelos de transformação histórica, a uma abordagem de pormenor centrada no sítio e nas suas particularidades que analisa sobretudo trajectos regionais.

No presente texto opta-se por discutir os dados recolhidos na Valada do Mato a uma escala intermédia.

Tendo como questão de fundo a implantação das práticas produtivas, cuja origem remonta em última instância ao Próximo e Médio Oriente a partir de onde por difusão démica ou por difusão cultural se expandem, num território ocupado por caçadores-recolectores, a Europa ocidental, seleccionando-se para análise o Sul do actual território português.

Para o espaço peninsular estão, hoje, em confronto dois principais modelos de neolitização que brevemente se apresentam.

Um primeiro modelo que defende como causa da mudança cultural a difusão directa e a desigual colonização do espaço peninsular por pequenos grupos neolíticos oriundos de outros pontos do Mediterrâneo ocidental, parte integrante de um sistema social em expansão, genericamente designado como das “cerâmicas impressas”.

Em consequência deste processo pode ao longo do VI milénio ser observado em algumas áreas da Península um fenómeno de “dualidade cultural”, caracterizado pela existência, numa primeira fase, de comunidades neolíticas exógenas a este espaço e de grupos indígenas de caçadores-recolectores. Para os partidários deste modelo, são evidentes as diferenças culturais entre ambos os grupos ao nível das componentes artefactuais e tecnológicas, das estratégias de obtenção de recursos e dos universos simbólicos.

Sítios paradigmáticos para os defensores deste modelo são, por exemplo, o conjunto de grutas da região valenciana, Cova de L'Or, Cova de Sarsa, Cova de Cendres (Bernabeu Auban, 1989). Para o território actualmente português, os sítios da Várzea do Lírrio, do Forno da Cal, da Junqueira, da Gruta do Caldeirão, da Cabranosa, para dar apenas alguns exemplos, teriam sido ocupados por comunidades neolíticas de origem alógena (Zilhão, 1992), comunidades a partir das quais se processa a neolitização do substrato indígena.

O segundo modelo criado para justificar o aparecimento no registo arqueológico de novas técnicas e artefactos, de novos recursos e de novas estratégias de exploração do espaço, atribui aos grupos mesolíticos o papel central neste processo de transformação histórica. Seria a dinâmica interna própria destas comunidades que as tornaria aptas a receber, e a integrar de forma selectiva, alguns dos componentes neolíticos, artefactuais, económicos, sociais, tecnológicos, que na primeira metade do VI milénio a.C., estariam já disponíveis no Mediterrâneo ocidental (Soares, 1997).

A informação poderia circular através das redes de contacto estabelecidas pelos caçadores-recolectores do Holoceno, que a adoptam ou recusam em função do seu quadro cultural, ambiental e demográfico específico, justificando-se assim o carácter regional, e o desmembrar do pacote neolítico original, que se pode observar no registo arqueológico deixado pelos primeiros grupos neolíticos do espaço peninsular.

No Sul do actual território português, uma área relativamente restrita e sem obstáculos geográficos que dificultem a circulação, encontramos uma evidente diversidade de situações culturais. Ao litoral e estuários dos grandes rios intensamente ocupados por caçadores-recolectores parece opor-se, nos finais do Boreal e início do Atlântico, um interior aparentemente deserto.

Este espaço pode, por isso, funcionar como uma área privilegiada de observação de processos históricos de transformação cultural em funcionamento, como sejam fenómenos de colonização, de fusão ou distanciamento cultural.

O estudo do fenómeno de neolitização num território com estas características permitirá observar distintos processos em acção que devem materializar-se de formas diversificadas no registo arqueológico. São de admitir em cena, e num mesmo patamar cronológico, fenómenos de aculturação das populações mesolíticas locais, independentemente da origem dos estímulos

neolitizantes, mas também a recusa ou não adopção de novas técnicas e produtos por parte destes grupos, a existência de efectivos processos de colonização do interior, a miscigenação física e/ou cultural entre grupos caçadores-recolectores e grupos produtores de alimentos.

Num momento de transição como aquele que observamos pode ser decisiva a inventariação, e se possível a quantificação, dos elementos tradicionais e dos elementos inovadores para definir a personalidade cultural e o lugar que nesta história desempenham os grupos em estudo.

No sítio da Valada do Mato encontramos uma evidente simbiose de traços culturais marcadamente mesolíticos integrados num horizonte cultural neolítico. Neste momento, é sobretudo no campo artefactual que estas características mistas se tornam mais claras.

Associados a componentes materiais e técnicos característicos do Neolítico Antigo, alguns dos quais de origem exógena, como sejam a cerâmica, sobretudo decorada através da técnica da impressão, a pedra polida, os elementos de mó, a utilização do tratamento térmico no talhe do sílex, a produção padronizada de elementos alongados de tipo lamelar, a utilização provável do talhe por pressão, a importância relativa dos segmentos no conjunto dos micrólitos geométricos, regista-se a presença de técnicas de produção de utensílios líticos com inequívocas raízes mesolíticas, como é o caso do emprego da técnica do microburil para a fragmentação de lamelas e produção de armaduras geométricas.

Um outro campo determinante para uma correcta avaliação do peso das inovações neolíticas face aos esquemas tradicionais de caça e recollecção consiste na identificação das espécies faunísticas presentes, na definição do estatuto silvestre ou doméstico destes animais, e no peso relativo que possam assumir na dieta destas populações.

Não existem, até à data, indicadores directos de práticas agrícolas desenvolvidas em torno deste local uma vez que não foram ainda recolhidos quaisquer macro-restos vegetais. No entanto, o critério de implantação no espaço que o sítio da Valada do Mato evidencia justifica-se pela existência de uma agricultura de pequena escala baseada na energia humana, numa estratégia de obtenção de recursos que utiliza também a caça e recollecção.

A interioridade patente na localização do sítio da Valada do Mato e a relativa homogeneidade dos ecossistemas que a partir deste sítio podem ser explorados contrasta de forma significativa com o povoamento estuarino ou costeiro atribuído ao Mesolítico e Neolítico Antigo do Sul de Portugal. O litoral e os grandes estuários caracterizam-se pela complementaridade dos biótopos existentes, pela considerável produtividade natural destes ambientes, pela diversidade de espécies animais e vegetais disponíveis para consumo, e pela existência de recursos alimentares relativamente estáveis e abundantes que permitem ultrapassar momentos de crises sazonais.

A comunidade que ocupou o sítio da Valada do Mato dispensou a segurança fornecida pelos recursos marinhos e estuarinos, que constituíam parte fundamental da dieta das populações mesolíticas, porque os novos recursos, animais e cereais domésticos, introduzidos durante o processo de neolitização permitem uma base de sustentação de populações relativamente estabilizadas no espaço.

No interior alentejano não assistimos à introdução de um Neolítico por aculturação e o sítio da Valada do Mato não representa uma ocupação do substrato mesolítico aculturado, mas traduz a colonização efectiva por grupos neolíticos, ainda que de composição mista, numa paisagem anteriormente não ocupada de forma continuada, atendendo à informação hoje disponível.

O sucesso da implantação em algumas áreas do interior alentejano de uma agricultura cerealífera e da pastorícia de ovi-caprinos na primeira etapa do Neolítico deve justificar a posterior magnitude do fenómeno megalítico que marcava até à pouco os trabalhos acerca da Pré-História desta região.



Fig. 3 O sítio da Valada do Mato, ao fundo, visto de Este.



Fig. 4 Vista da área escavada na campanha 1(95).



Fig. 5 Vista da “estrutura de combustão”, parcialmente descoberta em 2(98).



Fig. 6 Fundo de vaso quebrado em conexão.

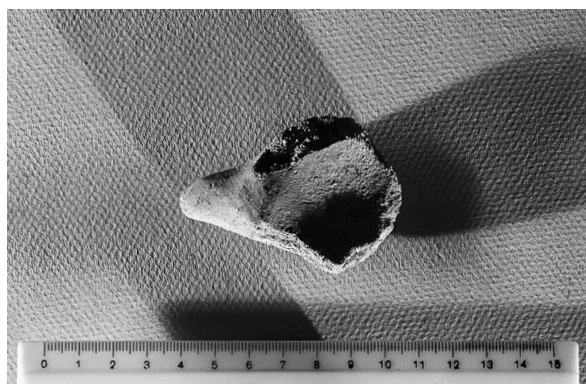


Fig. 7 Colher de cerâmica fragmentada (foto V. S. Gonçalves).

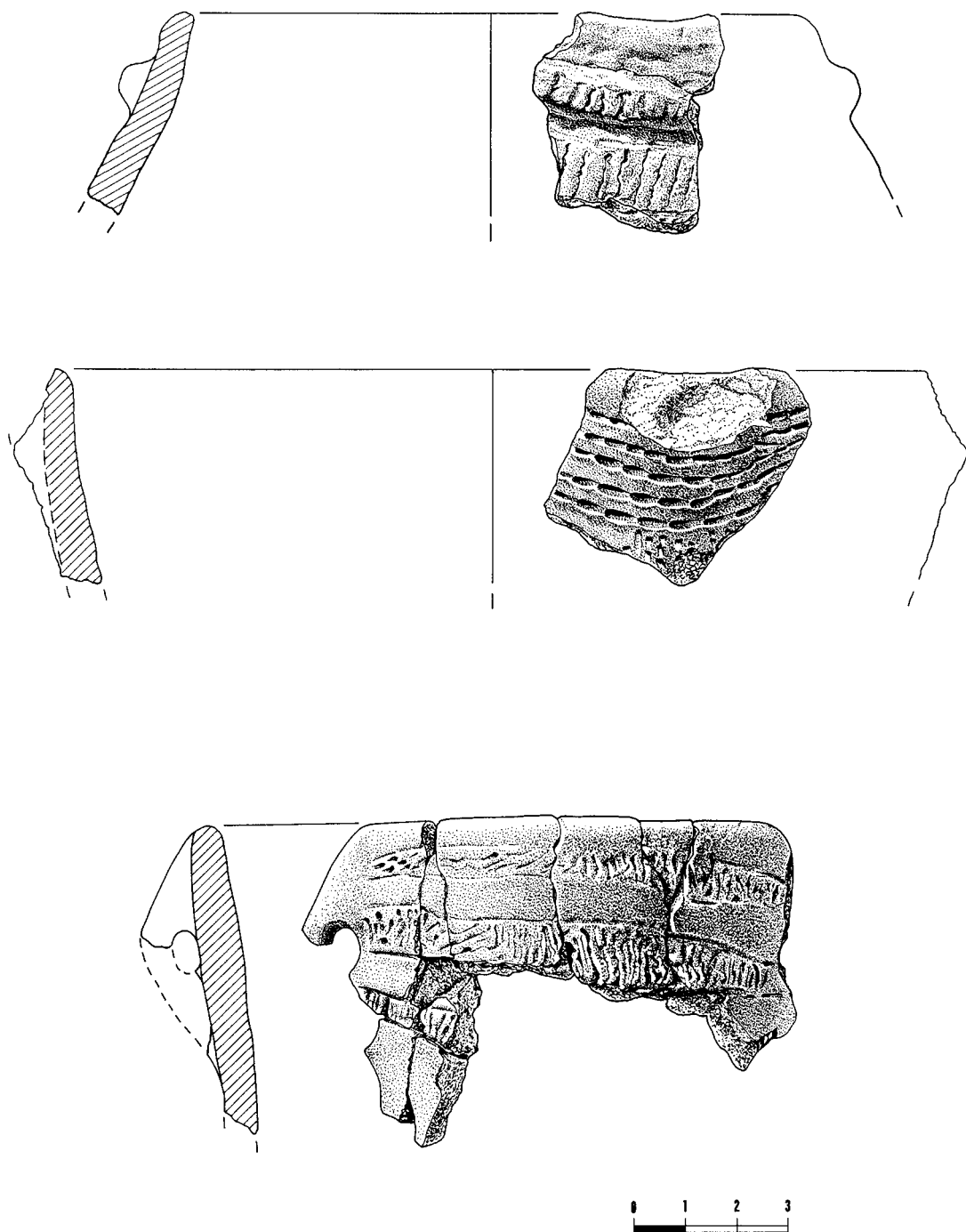


Fig. 8 Recipientes impresos (cardial e *punto y raya*) e inciso.

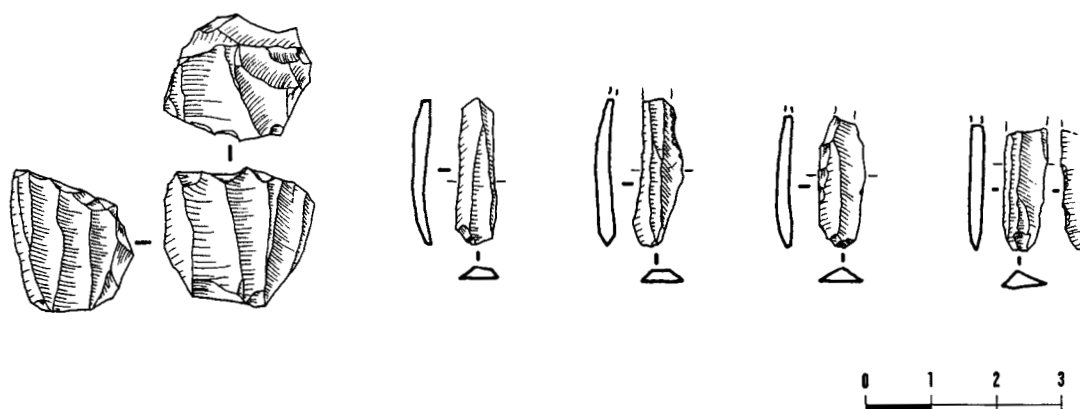


Fig. 9 Núcleo prismático e lamelas de sílex.

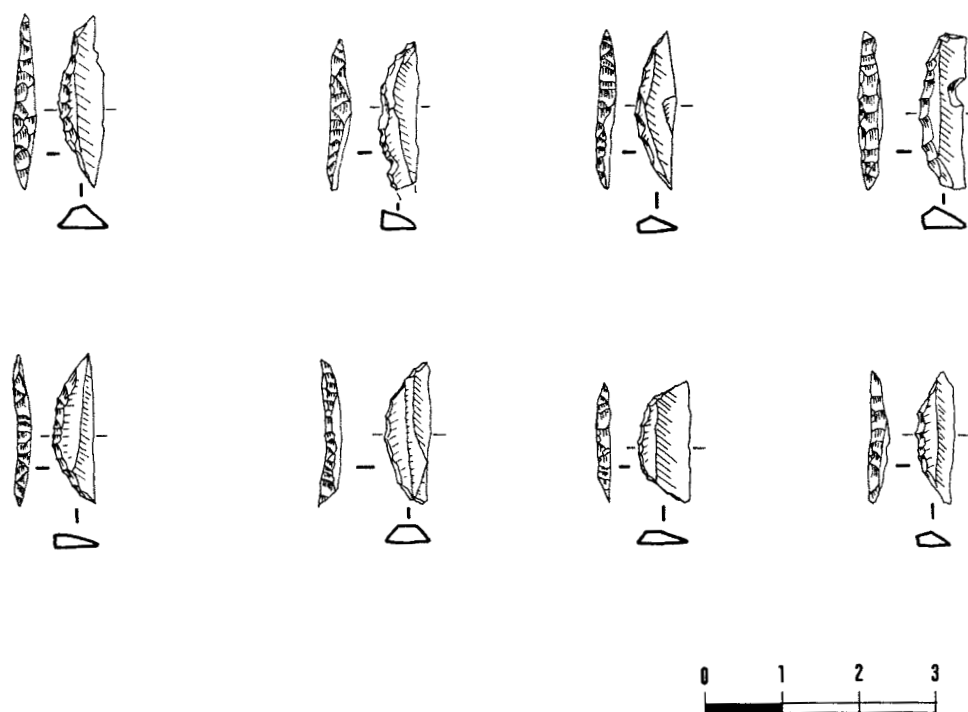


Fig. 10 Segmentos.

Agradecimentos

À Câmara Municipal de Évora o apoio e interesse demonstrados desde o início dos trabalhos de terreno no sítio da Valada do Mato.

À Fundação Calouste Gulbenkian o apoio concedido às campanhas de escavação realizadas no Verão de 1999 e 2000.

Aos alunos e licenciados do curso de História, variante Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa que participaram nos trabalhos de terreno e de gabinete decorrentes deste projecto, entre os quais importa destacar os nomes de Pedro Mendes, Ângela Ferreira, Alexandre Gonçalves e Manuela Coelho.

BIBLIOGRAFIA

- BERNABEU AUBAN, J. (1989) - *La tradición cultural de las cerámicas impresas en la zona oriental de la Península Ibérica*. Valencia: SIP.
- CALADO, M.; SARANTOPOULOS, P. (1996) - O cromeleque de Vale Maria do Meio (Évora, Portugal): contexto arqueológico e geográfico. *RUBRICATUM*. Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica. Gavà-Barcelona. 1, p. 493-503.
- DINIZ, M. (2000) - As comunidades neolíticas no interior alentejano: uma leitura cultural e cronológica. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto, p. 23-33.
- DINIZ, M.; CALADO, M. (1997) - "O povoado neolítico da Valada do Mato (Évora, Portugal)." In *Actas do 2º Congreso de Arqueologia Peninsular*. Zamora, p. 23-31.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) - *Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SIMÕES, T. (1996) - O sítio neolítico de S. Pedro de Canaferrim (Sintra). *Rubricatum*. Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica. Gavà-Barcelona, 1, p. 329-336.
- SOARES, J. (1997) - A transição para as formações sociais neolíticas na costa Sudoeste portuguesa. *O Neolítico atlântico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela. p. 587-608.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 17-36.
- ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Lisboa: IPPAR.
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A.F. (1996) - O Neolítico do Maciço calcário Estremenho. Crono-estratigrafia e povoamento. *RUBRICATUM*. Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica. Gavà-Barcelona. 1, p. 659-672